

ANNO X
NUMERO 232



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

MOOTCY

Só não tem cabelo nem barba quem quer!!



Fazemos nascer cabelo aos calvos
e barba aos sem ella em 20 a 24 dias.

O preço para o **MOOTCY** é
de **2\$515 réis** por porção (uma
porção chega perfeitamente).

Mootcy Dépôt Ditmar Koelstr, 3, Hamburgo, 164.

Deposito em Lisboa:

Ferreira & Ferreira Succes. — 99, Rua da Prata, 101

DISPONIVEL

Augusto d'Aquino

Rua dos Correios, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Ásiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM .. { Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghemakere
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa
Antuerpia — Porto — Lisboa
Londres — Porto — Lisboa
Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto**, etc.

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como: Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Peçam-se os catalogos

PRAÇA DOS RESTAURADORES



Redacção e administração: P. Restauradores, 43 a 49—Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — Emilio Tavan — Crise de trabalho — Nossa Senhora do Pranto (*Poesia*) — O Drama Musical (*Conclusão*) — Notas Vagas — Variedades — Noticiario — Charada Musical.

Emilio Tavan

Nasceu este musico amavel e despretençioso em 1849, em Aix (Bouches-du-Rhône); aos oito annos era menino do côro e o seu gosto pela musica desenvolvia-se rapidamente, ouvindo vibrar os profundos accordes do órgão.

Aos treze annos entrava o joven Emilio, não n'uma escola de musica como se podia suppôr, mas simples e burguezmente em uma fabrica de chapéus, a titulo d'apprendiz. Não rezam as chronicas se consagrava os ocios ao estudo da divina arte, mas é de crêr que assim fosse, dado que dois annos depois o vemos nomeado pianista-director d'orchestra do casino d'Aix — logar que, mal ou bem, desempenhou até aos vinte annos.

Arrebentou então a guerra e o joven maestro teve de trocar a batuta de director pela espingarda dos *pious-pious* das Boccas do

Rhodano, e despachar-se pela via mais curta para a Argelia. Por lá ficou uns quatro annos, fazendo vida d'organista e de professor de piano, até que, em 1875, se resolveu a fixar-se em Paris.

Depois de uma seria aprendizagem de Har-

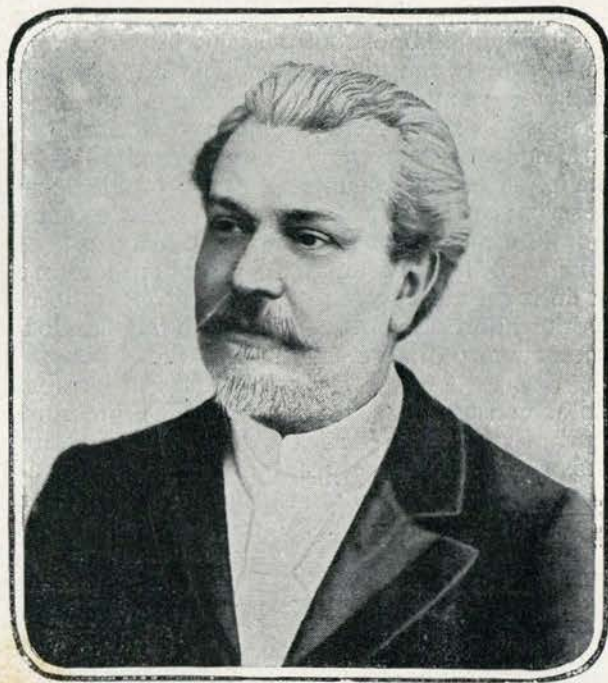
monia, no Conservatorio de Paris, sob o patronato dos mestres Durand e Savard, não tardou Emilio Tavan em adquirir uma certa fama como acompanhador e director d'orchestras de baile e outras.

Ainda nos lembra de o ter ouvido dirigir os *diners-concerts* da Torre Eiffel, de 1891 a 1893, notabilisando-se depois na Opera como director de uma das orchestras de baile.

Na Exposição de 1900, se bem nos recorda, Emilio Tavan conduzia a orchestra de uma

das *attractions* mais interessantes d'aquelle bello certamen industrial e artistico — *L'Andalousie au temps des Maures*.

Como compositor de musica ligeira, tem sido Emilio Tavan de uma extraordinaria fecundidade. Sem fallar d'innumeras fanta-



EMILIO TAVAN

sias para orchestra sobre as mais celebres composições antigas e modernas, tem escripto um numero incalculavel de valsas, polkas, mazurkas, marchas, aberturas e *suites* d'orchestra, em que o *humour* e a graça se alliam do modo o mais feliz a uma sonhadora cadencia e a um rythmo elegante e novo.

Retirou-se ha alguns annos para Mantes-la-Jolie (Seine-et-Oise) onde continúa a consagrar-se ao trabalho da composição.



Crise de trabalho

Em um dos ultimos numeros e sob o titulo de *Mais estrangeiros*, publicámos um protesto contra o ostracismo a que está sendo votado o nosso musico e verberamos a facilidade com que, a cada momento e sob o mais leve pretexto, se estão mandando vir artistas da Hespanha e d'outros paizes, para preencher logares que os nossos podiam perfeitamente desempenhar.

O defeito vem de longe e vem d'alto. Já a proposito de S. Carlos aqui batalhámos sem resultado palpavel. Como sabem, um dia em que sobreveiu uma qualquer desintelligencia entre o empresario do nosso theatro lyrico e os musicos da orchestra, cortou se o nó gordio mandando aquelle passear estes sem a menor cerimonia e escripturou-se uma orchestra estrangeira por intermedio de uma das mais afamadas *ganaderias* lyrico-dramaticas de Milão. Pegou de vez a moda e nunca mais deixou de haver tocadores estrangeiros, em maior ou menor numero, na orchestra de S. Carlos.

Em cima do tablado as cousas não se tem passado melhor. Os primeiros cantores são estrangeiros, os coristas são estrangeiros, as bailarinas tambem e apostariamos em como até os figurantes são recrutados na colonia... gallaica.

A esse estado de cousas não se pensa em dar remedio. Os poucos cantores que as nossas escolas deitam cá para fóra, não sabem, na sua maioria, ser primeiros cantores, não querem ser coristas, nem podem ser bailarinas.

Parece que só por complacencia e favôr se admittem alguns portuguezes na orchestra do theatro e a propria lei, ha pouco promulgada, dá implicitamente mão forte a todo o empresario que, por conveniencia ou por capricho, se lembre de prescindir por completo do serviço dos nossos artistas. E temos que nos render á triste evidencia, confirmada

pelo caso do Club das Caldas e por outros não menos symptomaticos, de que só serve o artista portuguez para tocar nos animatographos e nos theatros de quarta ordem.

D'ahi naturalmente a falta de estímulo para o trabalho e o estiolamento de tantas faculdades, que poderiam traduzir-se por forma a mais benefica para o futuro da nossa arte e dos nossos artistas.

Crêmos sinceramente que seja essa uma das causas primordiales da escassez, cada vez mais pronunciada, dos *verdadeiros artistas* entre nós, o que de modo algum significa que não augmente todos os dias, em proporção egualmente desesperante, o numero dos *tocadores vulgares*, d'aquelles que buscam no exercicio da arte um simples ganha-pão.

D'ahi uma *crise de trabalho*, que vae asoberbando, dia a dia, os profissionais da musica, e que ha-de conduzi-los, mais cedo ou mais tarde, a uma situação deveras difficil ou ao abandono da carreira.

No Porto, as cousas não se passam melhor, e um dos nossos prestimosos collegas d'aquella cidade, o *Primeiro de Janeiro*, generosamente impulsionado pela defeza dos nossos artistas musicos, publicou ha pouco um artigo, que pedimos venia para aqui transcrever, já porque, *mutatis mutandis*, se póde applicar ao nosso meio quanto ali se avança, já porque, bem mais eloquentemente do que nós o poderíamos fazer, o distincto articulista portuense frisou muitas das causas que em todo o paiz occasionam a lamentavel crise a que nos estamos referindo.

Eis o artigo:

«Tambem a classe dos professores de musica está passando pelo triste quarto de hora que vem flagelando todas as classes da nossa sociedade.

«Classe de trabalhadores, e prestimosa, porque o professor de musica tem um lugar distincto no quadro d'uma sociedade bem constituida. Elle cultiva uma arte nobre, do grupo das bellas artes, e, se não a mais expressiva, decerto a mais impressiva, porque — e todos mais ou menos o temos experimentado — fala a lingua do coração, ri com os que riem, chora com os que choram, entenece-se, enthusiasma-se, enfurece-se, tem uma influencia decisiva, como factor educativo, na formação do caracter. D'ahi vem a importancia que todos os governos que timbram de cultos dão effectivamente, sem favor, ao ensino d'este ramo de bellas artes.

«Em Portugal... Mas não falemos de coisas tristes. E tanto mais que não é ao governo que nos dirigimos, pela simples razão de que elle jámais ouve d'aquelle ouvido, quando se lhe fala de coisas d'artes ou d'instrucção, ou d'aquelles que as servem. O nosso fito, no

momento, é chamar a atenção para a crise de trabalho dos professores de musica e acordar, em nome d'um interesse intellectual da nossa terra, invocando o sentimento de brio de que sempre a nossa cidade deu honroso testemunho, acordar, se é possível, a fibra patriótica a favor de uma classe cujo mal-estar evidente póde a boa vontade de todos em grande parte attenuar.

«A crise de que nos vimos occupando está intimamente ligada á suspensão quasi completa de espectaculos nos theatros da cidade. Outr'ora, o nosso theatro lyrico tinha uma temporada de inverno que se estendia de novembro a março e, sobre dar occupação a um numeroso pessoal d'orchestra, era uma notavel academia, onde se formaram, sob a batuta intelligente e disciplinadora de Carlos Dubini, artistas primissimos, como os dois Ribas, Nicolau e Hypolito, José Candido, Cyriaco de Cardoso, Marques Pinto, Paiva, Antonio Canedo e ainda outros que deram nome e realce á orchestra do theatro de S. João. A pleiade illustre foi-se pouco a pouco sumindo na morte, e, por fim, pouco lhe havia de sobreviver o proprio theatro que um incendio acaba de consumir.

«Por esse tempo, e ás vezes simultaneamente, funcionavam duas ou tres companhias de opereta ou opera-comica, — o antigo Baquet, tambem devorado pelas chamas, o não menos antigo Principe Real, depois o D. Afonso, Variedades, Carlos Alberto e, por ultimo o Aguiá d'Ouro. Mas, a exuberancia havia de dar, e deu, em penuria, e eis que alguns d'esses theatros desapareceram e outros mantem fechadas as portas por falta de companhias regulares, o que é triste, ou por falta de publico, o que é mais triste ainda.

«Quer isto dizer que os professores de musica, ainda os mais distinctos, se vêm privados de meios decentes de viver, e que penosamente arrastam a existencia dando, — aquelles que logram essa ventura, — algumas poucas lições.

«Quer isto dizer, tambem, que vamos rolando n'uma lamentavel decadencia de bom-tom e de bom-gosto, pois que o prazer intellectual da musica e da arte dramatica o trocamos pelo espectaculo barato da fita cinematografica ou elegemos outros distracções porventura menos esteticas.

«Quando acudirá uma salutar reacção a protestar contra este estado de coisas?

«E enquanto essa reacção não chega, não é honesto que se deixe estiolar, o braço inerte e o talento em pousio, os bons artistas que ahí temos. Ha n'esta quadra estival, casinos e cafés que recrutam artistas estrangeiros, uns bons, outros mediocres, para divertimento dos seus clientes. Não é um dever de

bom patriotismo ajudar a viver os nossos, tão bons, senão melhores que os que ahí importamos?

«Não é assim que se conduz todo o mundo — hespanhoes, francezes, italianos, allemães, belgas — primeiro nós, depois vós?

«Ahi fica a idéa. Nós achamol-a justa e util. E se assim o pensam tambem, aproveitem-a como se deve a bem dos nossos artistas.»



Nossa Senhora do pranto

MUSICA DE KEIL.

Soneto consagrado á memoria do insigne maestro, interpretando a inspiração de Regina

O' Keil! eu te bemdigo, pois me deste a inspiração do teu formoso canto, em que eu consagro á *Senhora do pranto* o poema que em meu peito lhe escreveste.

Mal tu sabes o bem que me fizeste, artista!... revelando-me esse encanto d'Aquella, que, envolvendo no seu manto a minha alma,... a vestiu de azul celeste! ..

Mas, poeta!... não faças que a Senhora, em lhe eu cantando, chore!... mas, que ria, tornando, a minha voz, encantadora,

angelical!... aos sons da tua lyra!... Assim fosse Ella a minha protectora... vendo que n'esta voz não ha mentira!...

ANNES BAGANHA.



O DRAMA MUSICAL

(Conclusão)

Depois de Wagner, os latinos continuaram a seguir o seu caminho, povoado, apenas, sob o ponto de vista esthetico, de scenas de morte ou de vagas banalidades. Ainda se póde ouvir a sua musica nas horas de fadiga, como repouso para as preoccupações do espirito; mas o effeito pathetico, produzido sobre o publico vulgar, é absolutamente nefasto, e assambarcando-lhe o enthusiasmo, afasta-o para longe dos artistas d'elite e da natural evolução das artes.

Verdi, com todo o seu talento, não poudes subtrahir-se aos effeitos do peccado d'origem. Evolucionando para Wagner e para a polyphonia, quasi parecia poder dar nos a obra prima do seu paiz, com o *Otello*. N'essa bella opera, bella pela violencia e pelo pathetico, apezar de um certo numero de vulgaridades, alguns dos processos wagnerianos são tratados com habilidade de mestre; mas a sabia trama dos *leitmotiven* e a melodia continua, tal como a concebeu Wagner, não figuram ainda na obra do grande musico italiano. Ha porém, no *Otello*, uma pagina admiravel, que não pôde ouvir-se sem tristeza; é o preludio do quarto acto, que realisa uma authentica e maravilhosa Atmosphaera de Morte, no proprio ponto em que o drama d'Amôr e de Dôr se precipita para a catastrophe final.

No *Falstaff* ha o riso exuberante e o colorido engenhoso: quão longe estamos da exterioridade simplesmente decorativa d'uma *Aida* e mesmo da completa superficialidade d'um *Barbeiro*!

Mas onde está a esthetica, essa esthetica nova, que veio complicar as nossas sensações, essa esthetica dominada por um pensamento inicial, *celata virtus* que nos saccode o espirito, e o sentimento, e os sentidos? Em Verdi, essa esthetica não existe. Mesmo os seus ultimos dramas, soberbos, grandiosos, verdadeiramente bellos, não são mais que *dramas d'acção* e passada a emoção que nos communicam, não podemos deixar de os considerar absurdos, ou pelo menos anachronicos, insufficientes e peccando por excesso de pathetico.

Assim, Arrigo Boito que soube dar nos no *Mephistopheles* um grande drama extrahido d'uma grande tragedia, que escreveu esse drama em versos luminosos, e creou musica egualmente luminosa, a que Beethoven e Wagner parece terem emprestado a scintilla da sua divina Arte, Arrigo Boito, podendo talvez elevar a alma latina até á comprehensão d'um novo theatro, contentou-se em revestir de melodiosas sonoridades algumas acções humanas.

E no emtanto o *Mephistopheles* podia marcar um ponto de partida, da mais alta importancia. Com notavel envergadura, não destituida d'ingenuidade, Boito levou a sabedoria germanica até á exuberancia da passionalidade meridional, puramente melodica. Tudo era germanico no seu drama, d'um germanismo admiravelmente comprehendido, e tudo era tambem *mediterraneo*, preciso, humano, vibrante d'emoção pathetica.

Mas Boito não teve epigonos. Elle proprio, o grande mestre italiano, não poudes continuar-se, e deixou-se cahir na inercia. Ha trinta annos que nos promete uma obra, o

Nero, e essa mesma é feita sobre um libreto romantico e superficial.

E não foram sempre tão ferrenhamente conservadores os italianos. Ao drama pastoral, como a ingenua e formosa *Somnambula*, succedeu o drama historico. Verdi revoltou-se depois contra o barbarismo d'esta especie de drama e imaginou transferir para a scena musical a *Dame aux camelias*, que devia representar o verismo em musica. Escrevendo a *Traviata* expulsou da scena os personagens de capa e espada e substituiu os pelos *viveurs* de casaca e gravata branca.

Já Mehul, em França, se tinha revoltado contra a necessidade da intriga amorosa e escrevera *Joseph*, opera-comica sobre assumpto biblico e sem amor.

Um e outro entreviram uma verdade urgente, mas não conseguiram realizar senão tentativas sem alcance serio.

Um outro italiano, Ponchielli, escreveu grandes dramas d'acção, cheios de sentimento e de justeza, mas que não deixaram vestigios palpaveis. Outro tanto se pôde dizer de Pierre Lalo.

Entre os contemporaneos, vemos os latinos extraviarem-se á busca de assumptos, que produzam espanto, preoccupando-se mais que tudo com o brilho do *décor* e com o alcance emotivo da melodia. Procuram principalmente impôr o *quantum satis* de commoção, que lhes assegure um successo immediato. E se a falta d'invenção melodica é supprida pela sciencia, vem a profusão dos promenores decorativos afogar a propria musica do drama, como succede, entre outras, com a *Aphrodite* de Camillo Erlanger.

Nem mesmo os melhores se aperceberam das exigencias do seu momento historico, e o proprio Saint-Saëns, com o seu genio tão promettedor, não se continuou depois do *Samson*.

Na Italia, o abbae Perosi evidencia uma vontade esthetica, solemne e piedosa, com as suas Oratorias. Põe os olhos nas mais puras tradições palestrinianas e bachianas; mas, em boa verdade, essas oratorias, em que tudo é movimento, paixão, vehemencia de desejo e de esperanza, angustias e soluços de desespero, estão longe e bem longe dos grandes modelos tradicionaes. Algumas das paginas descriptivas, que precedem os versetos, brillham pelo colorido quente e rico e vibram com um sôpro positivamente wagneriano; mas o certo é que se não toma da sua musica senão a exterioridade dramatisante e não se sente bater um coração na profundeza mysteriosa e exactica d'essa musica, tal é a violencia da passionalidade de que as suas creaturas, demasiado *humanisadas*, se revestem.

A musica do abbade italiano, animada por um sôpro ancestral, fica portanto isolada; e pelo seu significado, mais litteraria que musicalmente catholica, afasta-se grandemente das nossas almas e das nossas aspirações presentes.

Vincent d'Indy indica uma tendencia interessante, fundindo em si proprio a aspiração espiritual com a vontade heroica. Procede de Wagner e em linha recta do genio a um tempo doce e forte do ultimo mystico do catholicismo, Cesar Franck.

Mostra-nos Vincent d'Indy, nas suas obras, como em sonho primaveril, essa fusão mystico-heroica de sentimento e de processos.

Mas não passa d'um sonho e onde queremos encontrar verdadeira musica, não vemos muitas vezes senão uma secca pedagogia. Juntemos a isso, que fazendo elle proprio os seus librettos, como fazia Wagner, nem sempre é de uma extrema felicidade no trabalho litterario, como pôde verificar se no *Etranger*, pallidamente vasado nos moldes do soberbo *Brand*, d'Ibsen.

Os allemães seguem diverso rumo. E se de Brahms se pôde dizer que viveu em vão, apesar das suas interessantes symphonias, ha em Ricardo Strauss, por exemplo, o condão de abordar assumptos profundamente philosophicos, ás vezes com a preocupação exagerada de fazer corresponder o signo musical a cada um dos objectos evocados, mas sempre com uma maestria e esthetica verdadeiramente admiraveis. Este é por certo o grande musico do *Pensamento*.

A sua *Morte e Transfiguração* é uma expressão magnifica do terror e da alegria, deante da morte e na morte — e na *Salomé* é, sem possivel contestação, um dos mestres do drama novo.

A raça slava tem Borodine, Balakiref, Rimsky-Korsakof, que se affirmam por tendencias novas e significativas. Os dois primeiros são poetas das profundezas nostalgicas da alma. Quanto a Rimsky-Korsakof era um pintor, um decorador musical, com uma paleta scintillante — um mestre de grande vivacidade descriptiva, não isenta de vulgaridade, ás vezes.

Os russos, na sua heroica vontade de viver, procuram o seu caminho. São os mais insatisfeitos, os mais vagabundos, os mais anciosos. Domina os uma fatal febre de viver e de manifestar, por todos os modos, a vida ideal a que aspiram, quasi mysticamente.

Em musica como em litteratura, exprimem no soffrimento e na inquietação a vasta e tragica nostalgia de alguma grande Renascença.



CARTAS A UMA SENHORA

118.^a

De Lisboa

Já tem um rancido sabor o velho asserto — de que não fazem mal as musas aos doutores; mas, ainda uma vez, consinta que a elle recorra ao dar-lhe conta dos versos de dois poetas que com tal epitheto se condecoram.

Carlos de Pina Machado e Affonso Lopes Vieira são com effeito dois diplomados, um em medicina outro em direito; mas, os maganões não se contentaram com isso e formaram-se por sua conta na faculdade ideal da Rima...

A ambos a minha amiga conhece e assim como leu o *Ar livre* de um não deixou de demorar seus olhos sobre as lyricas e bucolicas do outro reunidas no livro *Tristia verba*.

Pina Machado, o medico, veio juntar depois a esse trabalho *A Alma errante* e todo o meu pezar é só agora se me deparar ensejo para saudá-lo.

Não perdeu o poeta com a falta das minhas linhas, que nada acrescentam ao valor do seu trabalho e nem sequer chegam a tempo de, quando mais não fosse, carinhosamente o felicitarem; mas perdi eu não me haver deliciado já com a leitura de algumas luminosas e subteis paginas da *Alma errante* por onde constantemente paira o espirito gentil que as concebeu e burilou.

Phenomeno curioso! este livro d'um medico é todo elle tocado d'uma tão doce e penetrante idealidade, e sáe de cada um dos trechos que o formam uma tão avassaladora onda de poetica ternura, que poderá perguntar-se como é que se originou a lenda de que os discipulos de Galeno nunca seriam amados de Caliope...

Pina Machado é poeta pelo sentimento e pela razão, e sem duvida foi precisamente buscar á sciencia que professa essa funda commoção sentida, esse doce estremecimento estranho que a desgraça e a dôr intensamente lhe provocam...

R. C.

Como no livro, elle pôde exclaimar:

Raio de luz em liberdade
Vou-me a brilhar na mão de Deus
Vou-me á procura da Verdade...

E porque vibra e pensa, dirá:

Casa sem pão e sem lume
Não é ninho onde viva a alegria

e ainda:

Nas fontes não seccam os fios das aguas
São como as nascentes da fonte das magoas!

Mais longe escreverá duplamente instruido:

O' dolorosa via da amargura,
O' brenha pedregosa,
Que magoas cada seixo me murmura,
Cada urze, que queixa dolorosa!

Vozes magoadas lá se vão no vento;
São como penas leves a voar;
Adejam, descem e em fugaz momento
Eil-as fugindo para o largo mar...

E finalmente no bello soneto que adiante publica, supponho serem saídas da sua bocca estas expressões dolorosas e frementes que elle põe na bocca da personagem que fala:

Se o coração palpita de anciedade,
Se a alma de soffrer se transfigura,
E' porque eu sou a propria humanidade!...
E assim envelheci sempre á procura
Da fugitiva sombra da verdade,
Da enganadora imagem da ventura.

Não imagine, porém, a minha amiga que julgando-se o poeta a «propria humanidade» d'isso extrahe qualquer impertinente sentimento de desmedido orgulho, porque quasi a seguir o ouvirá clamar:

Porque te julgas grande, ó fragil homem?
Porque te julgas forte, ó gão de areia?
— Se o pensamento, a ideia,
N'um circulo infinito se consomem?

E o poeta não contente de formular esta duvida, deixa n'um como que naturismo absorvente, transparecer a sua immensa piedade pelo vasto conjuncto de tudo quanto existe, e embora peça ao ceu:

a paz da inconsciencia
e a energia dos rochedos escavados,

conclue tristemente:

E flores, aves, trillos e perfumes,
Em vibrações de côr e de harmonia:
Petalas, azas, crente, romaria,
Bando irradiado, còro de queixumes,
Sumiram-se no azul apavoradas,
Subindo a procurar o Infinito,
Lá onde não chegasse a dor e o grito
E as lagrimas das coisas torturadas!

Por tudo isto concluiria porventura a minha amiga ser a *Alma Errante* um livro doentio e pessimista, mas quanto a mim, o poeta é pessimista na medida em que todos os espiritos duramente amestrados na escola da vida o são, isto é, pessimistas do momento que passa, crentes no momento que desponta.

O *Excelsior*, soneto com que fecha o livro, em parte o comprova e mais do que isso o confirma a especial atmospheria que o percorre e vivifica.

*

Noto que me alonguei demasiado para conversar ácerca do *Pão e as Rosas* de Affonso Lopes Vieira, e que nem mesmo posso concluir sobre a philosophia que se extrahê da *Alma errante*. Na proxima continuarei caturando comsigo sobre o estranho livro do auctor do *Poeta da Saudade*, livro que achou effeitos novos servindo-se de fórmulas velhas, velhas no sentido bom: quero dizer, consagradas pela tradição e ungidas pelo tempo; e então procurarei, approximando um do outro estes dois poetas, na apparencia tão diversos, no fundo com tantos pontos de contacto, atar o fio incoercível mas forte que os une ou pelo menos os dirige, e intensamente os faz vibrar n'um mesmo ideal — o ideal bemdito da pacificação das almas pela bondade, pela justiça, pela belleza...

AFFONSO VARGAS.



Carlos Gounod teve em certa epoca da vida em Londres uma ligação que deu que fallar.

Durante muitos mezes conservou se na capital ingleza, abandonados todos os trabalhos de composição, e só de lá voltou apoz uma

desavença, que poz bruscamente termo ao idyllio.

Pouco depois de reentrar em Paris, devia dar-se o *Polyeucte*, na Opera. Iam começar os ensaios, quando Gounod reparou que a partitura manuscrita ficara esquecida em casa da amada. Cartas, telegrammas, supplicas, tudo inutil. Como ultimo recurso, Jules Barbier, o auctor do libretto, foi encarregado de ir a Londres sollicitar da cruel dama a reconstituição do manuscrito, mas Barbier foi mal recebido.

— Bem sei que Carlos não volta mais. A minha vingança foi queimar a partitura!

Jules Barbier por pouco que não teve uma congestão. E Gounod outra. Não havia remédio senão reconstituir ou refazer a partitura.

Puzeram-se corajosamente ao trabalho e alguns mezes depois o *Polyeucte* cantava se na Opera.

Mas na noute da primeira representação chegava de Londres um pacote registado, que continha, toda inteira, a partitura do *Polyeucte*...

A lição tinha sido dura!

*

Um dia em que Chopin voltava para casa em companhia de alguns amigos, queixava-se do destrambelho das suas finanças...

— Ah! exclamava elle, se uma boa fada se lembrasse de deixar cahir uns vinte mil francos na gaveta da minha secretaria, era agora o homem mais feliz da terra!...

Na noute seguinte sonhou Chopin que os seus votos se tinham realisado e que lá estava na gaveta as almejadas notas. A coincidência do sonho fez lhe persistir a ideia no espirito e contar o caso a muitas pessoas.

O certo é que alguns dias depois, abrindo a gaveta de um movel, encontrou as 20 notas de mil francos, e calcule-se com que alegria.

Soube se mais tarde que uma das suas alumnas, uma escocesa de nome Stirling, sendo lhe relatado o facto, se apressou em occultar em casa do seu illustre mestre a somma ambicionada.

Diz-se que elle ignorou sempre quem tinha sido a generosa doadora.

*

Uma das orquestras mais *monstruosas*, se não a mais monstruosa que se tem organizado é a que figurou na festa patriotica de 1869, em Boston.

Comprehendia 215 violinos, 65 violetas, violoncellos e contrabaixos, 8 flautas, 8 oboés, 8 clarinetes, 8 fagotes, 12 trompas, 8 trombones, 3 tubas e 14 tambores.

Para certas peças taes como a marcha do *Propheta*, o côro das bigornas do *Trovador* e o *Hymno Nacional*, ainda se accrescentaram 25 flautas, 70 clarinetes, 100 trompas, 75 clarins, 75 tubas, 50 tambores, 25 pares de timpanos, 10 bombos e 10 triangulos.

*

N'uma serie d'artigos sobre instrumentos que o *Petit-Poucet*, de Paris, tem publicado com a assignatura de A. Hervé, diz se que foram os portuguezes o primeiro povo europeu que empregou o *clairon*, ou corneta lisa, recebendo-o directamente dos mouros, que desde longa data o usavam.

Não é facil perceber onde é que o sr. Hervé nos foi descobrir mais esta gloria!

*

Uma engraçada apreciação de Rubinstein ácerca de Brahms. Encontra-se em uma carta escripta em 1856 a Franz Liszt, em francez: — «J'ai fait la connaissance de Brahms, à Hanovre, et même celle de Joachim... Pour ce qui est de Brahms, je ne saurais trop préciser l'impression qu'il m'a faite: pour le salon, il n'est pas assez gracieux; pour la salle de concerts, il n'est pas assez fougueux; pour les champs, il n'est pas assez primitif; pour la ville, pas assez général. J'ai peu de foi en ces natures-là.»

A apreciação foi um tudo nada prematura, pois Brahms em 1856 estava ainda em principio de carreira; a sua obra futura havia de desmentir por completo o severo julgamento do pianista russo.



Em Carlsbad inaugurou se o mez passado um monumento em honra de Chopin, destinado a commemorar a estada do grande artista n'aquella cidade.

O monumento foi construido a espensas da colonia polaca e por meio de subscrições.

*

Os wagnerianos que visitam n'este momento Bayreuth já se occupam de saber se haverá novo cyclo de festas em 1909.

Não está ainda resolvido esse ponto ; consta apenas que o proprietario d'um Circo pediu á municipalidade auctorisação para dar uma serie de representações no verão proximo futuro, sendo-lhe concedida *sub conditione*, isto é, no caso em que não haja festival Wagner.

Na sua recente viagem á Noruega, o imperador da Allemanha foi visitar o tumulo de Grieg e ficou por tal modo encantado com o sitio onde se mandou erigir esse tumulo, que encarregou um pintor berlinez de o reproduzir em uma grande tela.

Effectivamente o ponto escolhido para a sepultura do compositor norueguez, proximo a Bergen, na gruta de Trolldhangen, debruçada sobre um lago, é de uma incomparavel belleza.

Depois d'amanhã, 17, para festejar o 60.^o anniversario da subida ao throno do imperador Francisco José, deliberou o *Mozarteum* dar no theatro municipal de Strasburgo um festival em que se ouvirá a Lilli Lehmann, Leopoldo Demuth, o quarteto Fitzner e a orchestra de *Mozarteum*, sob a direcção de Joseph Reiter.

No dia seguinte, cantará o mesmo grupo d'artistas, na cathedral, a *Missa da Coroação*, *Ave Verum* e outras obras do grande compositor.

Parece estar definitivamente assente que o vetusto Conservatorio de Paris vae mudar de residencia. Ha ideias de vender os actuaes terrenos do *faubourg* Poissonnière á Companhia dos Telephones, á razão de 1.000 francos o metro quadrado, e com o producto d'essa venda adquirir outro terreno no mesmo *faubourg*, quasi á esquina da rua Lafayette, e construir um immovel completamente adequado ás necessidades d'aquella casa d'ensino.

Em 1894 e graças ás methodicas diigenias empregadas no cemiterio de S. João, em Leipzig, pelo padre Tranzchel e pelo sabio physiologista W. His, puderam descobrir-se os restos mortaes de Sebastião Bach.

O craneo foi recolhido como preciosa reliquia no Museu Bach, da mesma cidade, e a prova decisiva da sua authenticidade acaba de ser feita por um esculptor de nome Seffner.

Servindo se como suporte, ou armação, como se diz em termo d'*atelier*, de um molde d'esse craneo, valendo-se de retratos conhecidos e apoiando-se em leis anatomicas que

se podem considerar invariaveis, o esculptor allemão reproduziu com extraordinaria fidelidade a phisionomia de J. S. Bach e modelou um busto que ficará sendo uma das riquezas do museu.

E' um processo optimo e parece que definitivo para reproduzir com extrema exactidão os traços phisionomicos dos que desapareceram do mundo. Corroborando esta asserção vamos citar uma contra experiencia que o mesmo Seffner acaba de pôr em pratica.

Com outro molde do craneo de Bach tentou reconstituir as formas da cabeça de Handel; mas para chegar a uma semelhança, mesmo aproximada, houve que adelgaçar a camada de cera em certos pontos, fortalecel-a n'outros, e isso tudo em contradicção com as leis anatomicas.

Mais uma vez a Arte veio verificar e confirmar os dictames da Sciencia.



Charada musical

(A premio)

A decifração da ultima charada é — *Lado* — como muito bem disseram alguns dos nossos estimaveis assignantes.

O album de Burgmein foi entregue á sr.^a D. Luisa Pereira da Motta Cardoso, primeira pessoa de quem recebemos a indicada decifração.

Entretenham-se agora com a seguinte.

Tenho importancia bastante P'ra o meu chefe dominar, Sem lhe faltar ao respeito Nem sahir do meu lugar.	}	... I
--	---	-------

Tambem exerço dominio, Sem comtudo me gabar, Sobre um visinho que tenho Morador no quarto andar.	}	... I
---	---	-------

Sigo a carreira das armas,
Porém é cousa notavel
Que sendo sempre vencido
Não me julgam dispensavel.

UM MUSICO.

O premio ao primeiro decifrador é d'esta vez um album de Raffaele d'Atri com seis peças de piano e bonitas vinhetas allusivas. Intitula-se

Idillio Calabro



LOUIS RHEAD

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ.
LONDON W.—10, WIGMORE STREET.



OSCAR BRANDSTETTER
LEIPZIG
Grandes officinas
de IMPRESSÃO DE MUSICA
em todos os generos
Typographia, Lithographia
Autographia
Composição mechanica
Machinas rotativas
Instalações especiaes
para grandes
tiragens

LAMBERTINI

REPRESENTANTE

E

Unico depositario

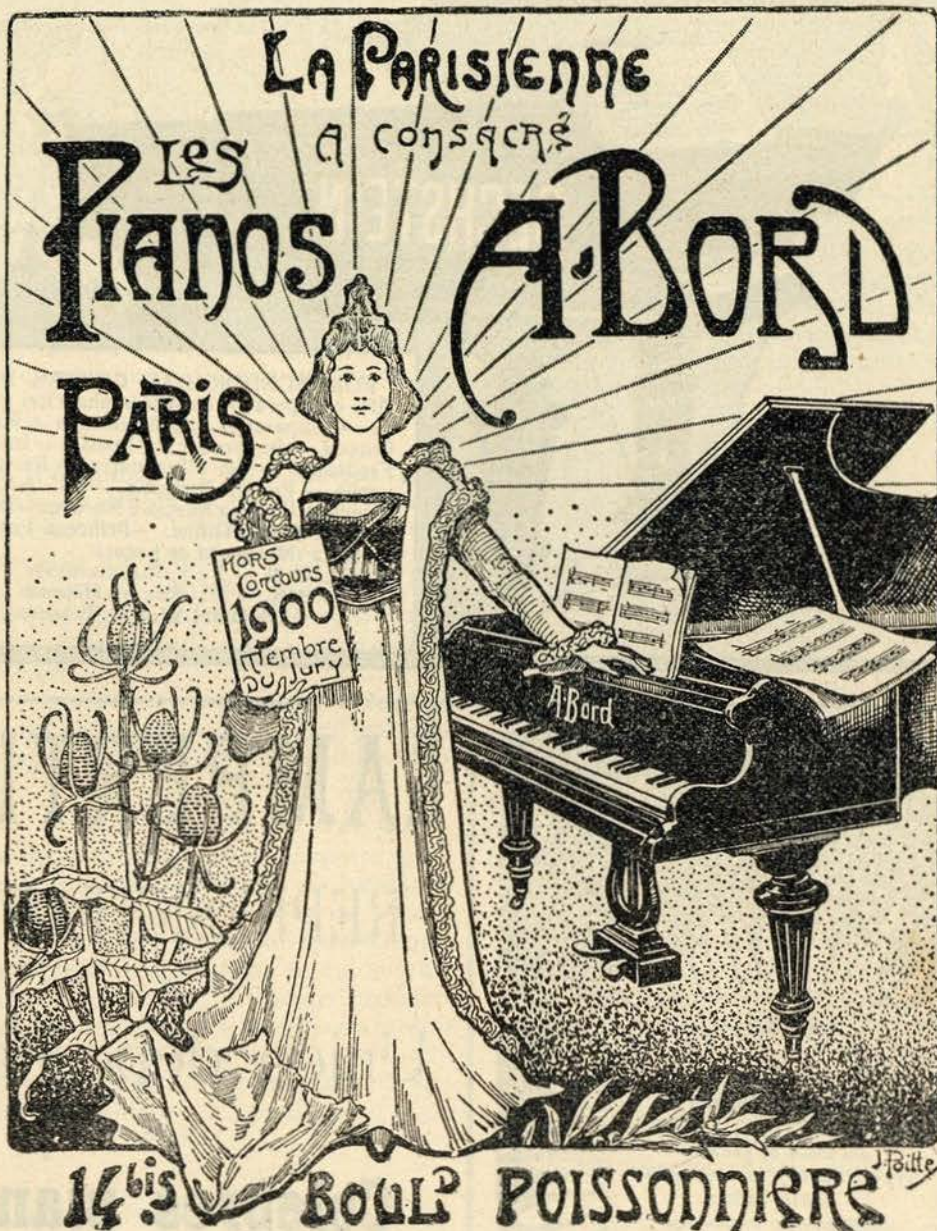
DOS

Celebres pianos

DE

BECHSTEIN

Praça dos Restauradores



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	5:000
Produção até hoje	116:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury — Hors concours



LAMBERTINI

Representante dos Editores
Franceses

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras de Operas

Antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Pedem-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

Especialidade em cordas italianas

para violino, violoncello, contrabaixo, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 56, 1.º E.</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaco , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Alfredo Napoleão , professor de piano, <i>T. Nova de S. Domingos, 34, 1.º</i>
Candida Cilia , professora de musica, piano e harmonium, <i>L. de Sta Barbara, 51, 5.º D</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião, 9, 2.º</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
Joaquim F. Ferreira da Silva , prof. de violino, <i>Rua José Estevão, 50, 3.º, E.</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julietta Hirsch Penha , profes.ª de canto, <i>Travessa Santa Quiteria, 17, 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º, D.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA